

SOLIDARIEDADE humana no Interior em 1924. O Estado de São Paulo,  
São Paulo, 23 jul., 1974.

## Solidariedade humana no Interior em 1924

H. D. ?  
O Estado 23.7.74

O cinquentenário da revolução de Isidoro (5 a 28 de julho de 1924) está se prestando a vários estudos e reportagens, com os dois artigos que este jornal publicou na edição de domingo: um sobre a atuação da Igreja no socorro à população flagelada da Capital, transformada em campo de batalha; outro, sobre o movimento no seu aspecto tático.

Como um convite aos estudiosos da história local, restam praticamente inexploradas as suas manifestações no Interior do Estado. Seria simplificação extrema limitar a revolução de 1924 à Capital, que esteve sob o domínio dos revoltosos durante praticamente três semanas. O movimento se desenrolou também no Interior, a partir das cidades onde havia aquartelamento de unidades do Exército, como Itu, Pirassununga, Jundiá e, na época, Rio Claro, sede de um batalhão de Infantaria.

Desdobrou-se também, sob seu aspecto político, em dezenas de cidades, onde se instalaram "governos civis," simpatizantes dos ideais dos tenentes. Conforme se pode ler na denúncia do procurador da República em São Paulo, até juizes de Direito comungaram com a causa revolucionária e foram depois submetidos a processo. Houve também numerosas adesões, não faltando quem acompanhasse os rebeldes em sua retirada para as barancas do Paraná.

Cidades-chaves, como Campinas, Bauru ou Botucatu, estiveram sob o domínio dos revoltosos e na es-

tação de Mairinque, outro ponto-chave, registraram-se violentos combates. Tudo isso não mereceu ainda os devidos estudos e faz-se num convite, como dissemos, aos pesquisadores locais, para que o histórico movimento militar possa ser reconstituído por inteiro.

Mas há um outro aspecto que merece ser especialmente lembrado, pelo que significou em termos de solidariedade humana: a acolhida que as cidades do Interior deram aos paulistanos castigados pelo bombardeio das forças federais. Em longas composições, constituídas quase sempre de vagões de carga ou simples galeras, quase a metade da população de São Paulo abandonou-a, sob a proteção das forças revolucionárias. Foi encontrar abrigo em pequenas ou grandes cidades, da Paulista, da Sorocabana, da Bragantina, da Central.

Só Campinas conta um memorialista, chegou a abrigar 50 mil pessoas, quase dobrando sua população. Quantas vidas foram assim salvas, principalmente considerando-se que São Paulo era uma terra-de-ninguém; quanta gente, sem esquecer as crianças e doentes, achou abrigo, alimento e remédios, quando por vezes não tinha mais do que a roupa do corpo. Dignas de rememorar-se a abnegação dos ferroviários, que transportaram a grande massa dos fugitivos, ou a generosidade de tantas comunidades, às vezes humildes povos, sem maiores recursos, que entraram para a história da Revolução de 24 pelo seu espírito de solidariedade humana.

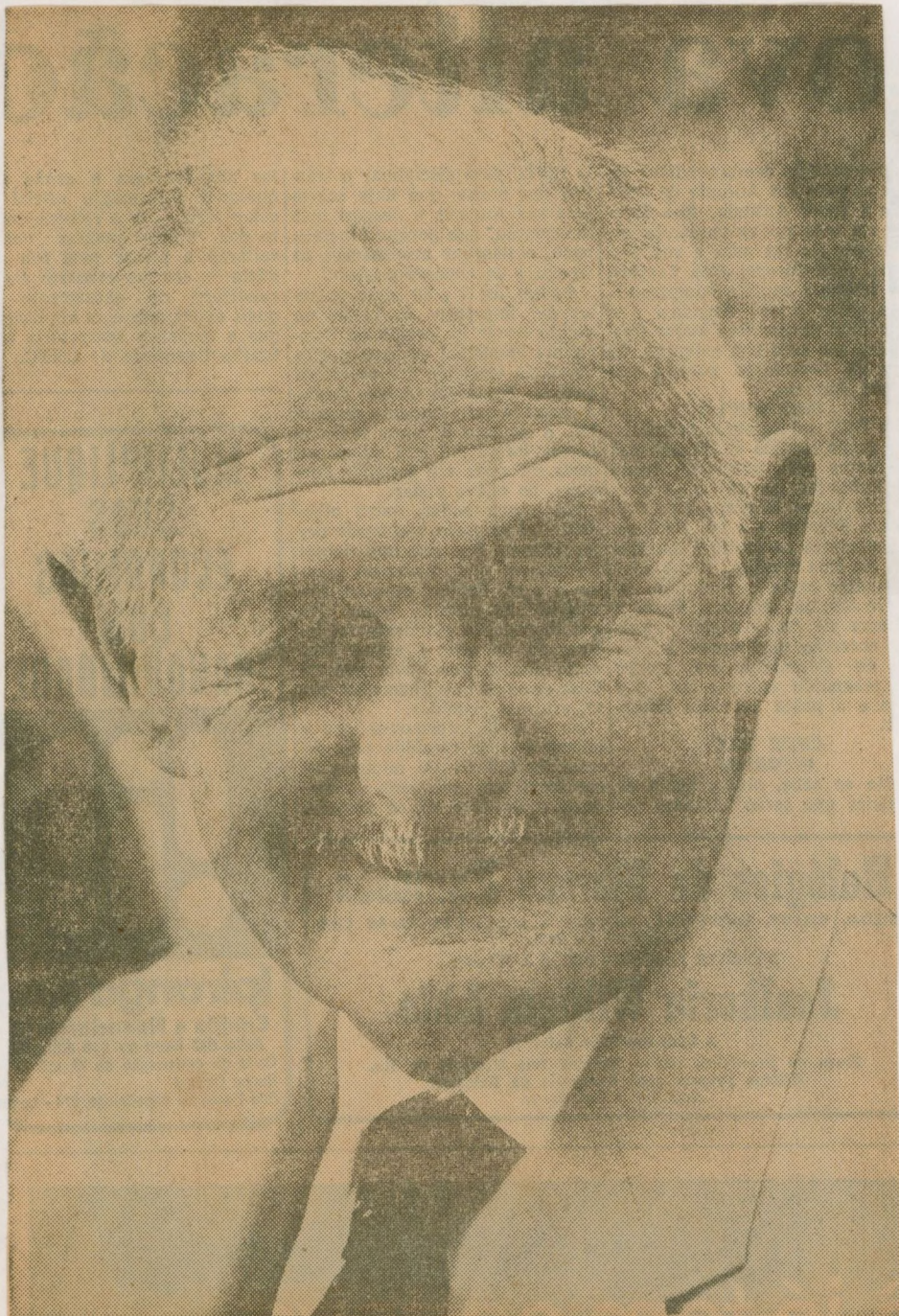
O dinheiro deu para um mês. Depois disso, cada revolucionário tinha somente 40 mil réis, o suficiente para a passagem. Veio a decisão de voltar ao Brasil.

#### INDIGNOS

Um dia, os brasileiros procuraram o consul, que os expulsou, dizendo que eram indignos de pisar território brasileiro — o do Consulado — por serem “jagunços”.

Procuraram então Pedro de Toledo, embaixador, que os acolheu, forneceu os papéis, e os colocou num navio.

Dias depois, os revolucionários de Campinas desembarcaram em Santos, e foram presos. Conheceram então a cadeia velha de Santos, a que fica na entrada do túnel, conheceram a cadeia Sete de Abril, a Cadeia Central, a Casa de Correção e, aos poucos, um a um, foram sendo soltos, voltando a Campinas, para suas esposas e namoradas, que tinham deixado há já um ano, quando, armas na mão, foram lutar pela democracia, por “liberdade com justiça”.



Este velho revolucionário recorda seus feitos com os companheiros